

[editorial]

O ano de 2009 promete. Por isso nós já estamos trabalhando com o tema escolhido para 2009-2010, **Sustentabilidade, por um mundo melhor!** A escolha desse tema foi resultado de ampla pesquisa e de profunda reflexão. O momento em que vivemos exige que trabalhemos com nossas crianças de forma crítica e inovadora, pois são elas que podem efetivamente contribuir para que tenhamos um mundo ambientalmente menos poluído, colaborando assim para o aumento da riqueza natural e não a destruindo.

Não foi por acaso que o Expoente contratou a pedagoga e escritora Berenice Gehlen Adams. Ela vai elaborar para nós uma série de artigos, que servirão como fundo de apoio à reflexão e à elaboração de trabalhos escolares para que as escolas conveniadas ao Grupo Expoente possam, durante dois

anos, desenvolver trabalhos que contribuam com o assunto e para que tenhamos resultados significativos a respeito desse tema.

A entrevista com a professora Berenice merece ser lida e absorvida por todos educadores.

Também as capas do material didático e das agendas versarão a esse respeito, por isso discorreremos sobre o tema no conteúdo da revista.

Por ser o assunto do momento, preparamos também um bom trabalho, com a redação de Mariana Branco, responsável pela edição desta revista, sobre a Unificação Ortográfica, que seguramente representará um importante avanço na união de interesses em torno de todos os países lusófonos. O Brasil, com certeza, é o país que mais tem a ganhar com isso, por causa de seu tamanho e pela força de seu mercado editorial. Com a efetivação dessa unificação, os nossos materiais impressos poderão ser utilizados em qualquer um desses países sem a necessidade de nova edição. É um ganho de escala considerável para todo o empreendedor editorial!



Armindo Angerer
Diretor-Geral
Grupo Educacional Expoente

A revista traz muitas matérias de interesse relevante às escolas e aos educadores! E como não poderia deixar de ser, aproveitamos para divulgar conteúdos e projetos de diversas escolas conveniadas ao Expoente.

Como sempre, a equipe de redação e edição da Impressão Pedagógica está de parabéns! A Leitura é obrigatória para quem faz, vive e respira educação.

Uma boa leitura para todos.

[expediente]

Direção-Geral: **Armindo Vilson Angerer**
CEEE: **Marta Ubeda**
Revisão: **Silvia Correr**
Pré-Impressão: **Paulo César Niehues**
Arte e Diagramação: **Augusto de Paiva Vidal Neto**

Marketing: **Karina Lafraia**
Jornalista Responsável: **Mariana Branco**
(Mib 30946/SP)
Foto da capa: **Michele Müller**

Editora Gráfica Expoente: **Antonio Both**
Fotolitos e Impressão: **Editora Gráfica Expoente Ltda.**
Av. Maringá, 350 – Pinhais-PR
CEP: 83324-000 – Tel.: 41 3312 43 50
Fax: 41 3312 43 70

Tiragem: 20 000 exemplares.

Impressão Pedagógica é uma publicação semestral, de circulação nacional, dirigida a diretores de escolas, coordenadores e professores, sendo distribuída por *mailing* personalizado. Não nos responsabilizamos por opiniões expressas nos artigos assinados.
Todos os direitos reservados.

[índice]

- [04] **Entrevista:** Berenice Gehlen Adams fala sobre Educação Ambiental
- [08] **Conheça o Tema** Expoente 2009/2010
- [10] **Matéria de capa:** o que muda com a Reforma Ortográfica
- [20] **Comportamento:** indisciplina na sala de aula tem solução
- [24] **Educação Infantil** de qualidade tem reflexos na vida escolar

[entrevista]

Educação ambiental na escola

Desde criança, a gaúcha Berenice Gehlen Adams sonhava em ser professora e, graças ao incentivo de seus pais, conseguiu realizar seu sonho. Ela lecionou durante 11 anos. Mas, após o nascimento de seu terceiro filho, decidiu abandonar a sala de aula. Foi quando percebeu que o trabalho com educação fazia muita falta em sua vida. Em 1993, Berenice começou a escrever o livro *Planejamento Ambiental*, editado em 1997. Do livro, surgiu o Projeto Vida – Educação Ambiental, que atualmente é chamado de Apoema. Bere, como é conhecida, é autora de vários livros sobre Educação Ambiental e já participou de diversos congressos, seminários, cursos de atualização para professores, exposições e simpósios educacionais. Nesta entrevista à revista *Impressão Pedagógica*, ela fala sobre sua carreira, Educação Ambiental e projetos.

Impressão Pedagógica – O que é Educação Ambiental?

Berenice Gehlen Adams –

Educação Ambiental, especificamente dentro da escola, é uma nova forma de educar, que traz aos ambientes escolares aspectos socioambientais a serem trabalhados em todas as disciplinas e séries. Isso ocorre por meio de atividades diversas, principalmente de sensibilização, reflexão, pesquisa, dinâmicas e mobilizações, que favorecem uma nova forma de enxergar o mundo do qual fazemos parte.

IP – Quais são os princípios básicos da Educação Ambiental?

Berenice – Os princípios que norteiam as práticas da Educação Ambiental são estabelecidos por documentos específicos, elaborados por diversos órgãos

coletivos internacionais, dentre os quais *A Carta da Terra*, *O Tratado de Educação Ambiental para Sociedade Sustentável e Responsabilidade Global* e a própria Lei 9.795/99. Mas destaco os princípios do pensamento crítico e inovador, por meio do processo permanente e continuado de educação, e os valores para transformação social, solidariedade, igualdade, respeito e cooperação. E, principalmente, a valorização das diferentes formas do conhecimento e do desenvolvimento de uma consciência ética.

IP – Quais as finalidades da Educação Ambiental?

“A interdisciplinaridade é uma das principais características da Educação Ambiental”



Berenice – A Educação Ambiental tem como finalidade promover a compreensão da sustentabilidade ambiental e da interdependência econômica, social, política e ecológica em todos os espaços sociais. E, também, difundir a importância das atitudes para proteger e melhorar o meio ambiente em relação ao consumo, à reciclagem e à degradação ambiental, enfatizando e incentivando desde pequenas até grandes ações pró-ambientais, que possam conduzir para novas formas de ver e viver.

IP – Quais as categorias e objetivos que envolvem a Educação Ambiental?

Berenice – A Educação Ambiental se desenvolve basicamente dentro das categorias Consciência, Conhecimento, Atitude, Habilidade e Participação, e sempre com o objetivo de apoiar grupos sociais e indivíduos na sensibilização para questões do meio ambiente global, promover diversidade de experiências e vivências, despertar o interesse e a preocupação com o meio ambiente, motivar a participação contínua e possibilitar o desenvolvimento de habilidades necessárias para detectar e resolver problemas ambientais locais.

IP – Como a Educação Ambiental pode ajudar a salvar o planeta?

Berenice – Ela traz um novo olhar sobre a forma como estamos

vivendo e como estamos tratando nosso planeta. Possibilita a tomada de atitudes conscientes, voltadas à cooperação, solidariedade, consumo consciente e reciclagem. É apenas um começo para que possamos iniciar a construção de uma sociedade mais justa e sensível.

IP – A Educação Ambiental deve ser uma disciplina ou deve ser trabalhada de forma interdisciplinar?

Berenice – Conforme a Lei 9.795/99, que institui a Educação Ambiental no Brasil, ela deve ser uma prática interdisciplinar. A

“Educação Ambiental, especificamente dentro da escola, é uma nova forma de educar, que traz aos ambientes escolares aspectos socioambientais a serem trabalhados em todas as disciplinas e séries”

interdisciplinaridade é uma das principais características da Educação Ambiental, portanto, deve-se priorizar sua prática interdisciplinar e orientar a sua



A alfabetização ambiental sugere a inclusão de quatro enfoques nas atividades desenvolvidas durante todo o ano letivo: Ambiente, Ecologia, Preservação e Reciclagem

inclusão em todas as séries do ensino formal, desde a Educação Infantil até o ensino superior.

IP – Fale sobre o projeto

Apoema. Qual sua proposta?

Berenice – O Projeto Apoema – Educação Ambiental (que no início se chamava Projeto Vida) é voltado para a difusão da Educação Ambiental. Ele foi criado em 1993, a partir da elaboração de um livro para

professoras, contendo uma proposta metodológica de alfabetização ambiental. Em 1999, o projeto percebe a internet como uma potente ferramenta

pedagógica para ampliar seu alcance e abrangência. O site da Apoema (www.apoema.com.br) já chegou a receber 5 mil visitantes em um dia: um dado significativo para um site educacional que não faz uso de publicidade ou propaganda.

IP – De onde surgiu a idéia de fazer o projeto?

Berenice – Quando parei de lecionar, em 1992, após o nascimento do meu terceiro filho, senti necessidade de contribuir com a educação de outra forma, já que, com três pequenos em casa e com outra atividade profissional, eu tive que deixar a sala de aula. Na mesma época, acompanhei pela mídia a importante conferência internacional conhecida como ECO-92, no Rio, e foi o que me motivou a elaborar uma proposta educacional que incluísse o meio ambiente nas atividades escolares, desde as séries iniciais. Desta proposta, nasceu o projeto.

IP – Quais são suas principais propostas?

Berenice – Uma das principais propostas do projeto é divulgar e difundir, por meio da internet, a Educação Ambiental de uma forma simples e prática para todos. Recentemente, o projeto



Educadora Berenice Gehlen Adams em ação, com alunos da rede pública de ensino

oficializou-se como ONG e agora está iniciando algumas ações locais, promovendo encontros educacionais e formações de redes de Educação Ambiental locais e regionais (RS).

IP – Como funciona a alfabetização ambiental?

Berenice – A alfabetização ambiental sugere a inclusão de quatro enfoques nas atividades desenvolvidas durante todo o ano letivo: Ambiente, Ecologia, Preservação e Reciclagem. Para cada enfoque, que representa uma etapa, sugere-se temas específicos que podem ser aprofundados e associados aos conteúdos curriculares das séries iniciais da educação básica (incluindo Educação Infantil), alinhando métodos e processos de alfabetização às questões ambientais. Assim, a criança aprende a ler e, ao mesmo tempo, desenvolve sua consciência crítica em relação ao meio ambiente. É preciso tomar cuidado, porém, para não dar uma ênfase maior aos problemas ambientais; sempre é

necessário evidenciar alternativas e a busca de soluções.

IP – O que é o Grupo de Educação Ambiental da internet?

Berenice – É um grupo de pessoas que trocam mensagens e divulgam ações

sobre Educação Ambiental. Ele existe desde 2000 e desse grupo foi criada a revista eletrônica *Educação Ambiental em Ação*, que pode ser conferida no endereço www.revistaea.org. É um trabalho feito todo pela internet, de publicação trimestral, e que tem dado grande contribuição para as ações de Educação Ambiental de todo Brasil.

IP – Qual a proposta da revista?

Berenice – Conforme apresentamos aos que querem colaborar com a revista nas normas de publicação, ela pretende ser instrumento para divulgar, difundir e incentivar ações de Educação Ambiental integradas e de conscientização em todos os espaços sociais. Tem a intenção de mostrar o que muitas pessoas, de diferentes Estados do Brasil e alguns estrangeiros, pensam e fazem para a consolidação da Educação Ambiental. Por fim, pretende ser um jardim de idéias, um solo fértil onde germinem sementes de sensibilização, ação, reflexão, tolerância e confiança na construção de um mundo melhor.

AGENDAS da SUSTENTABILIDADE

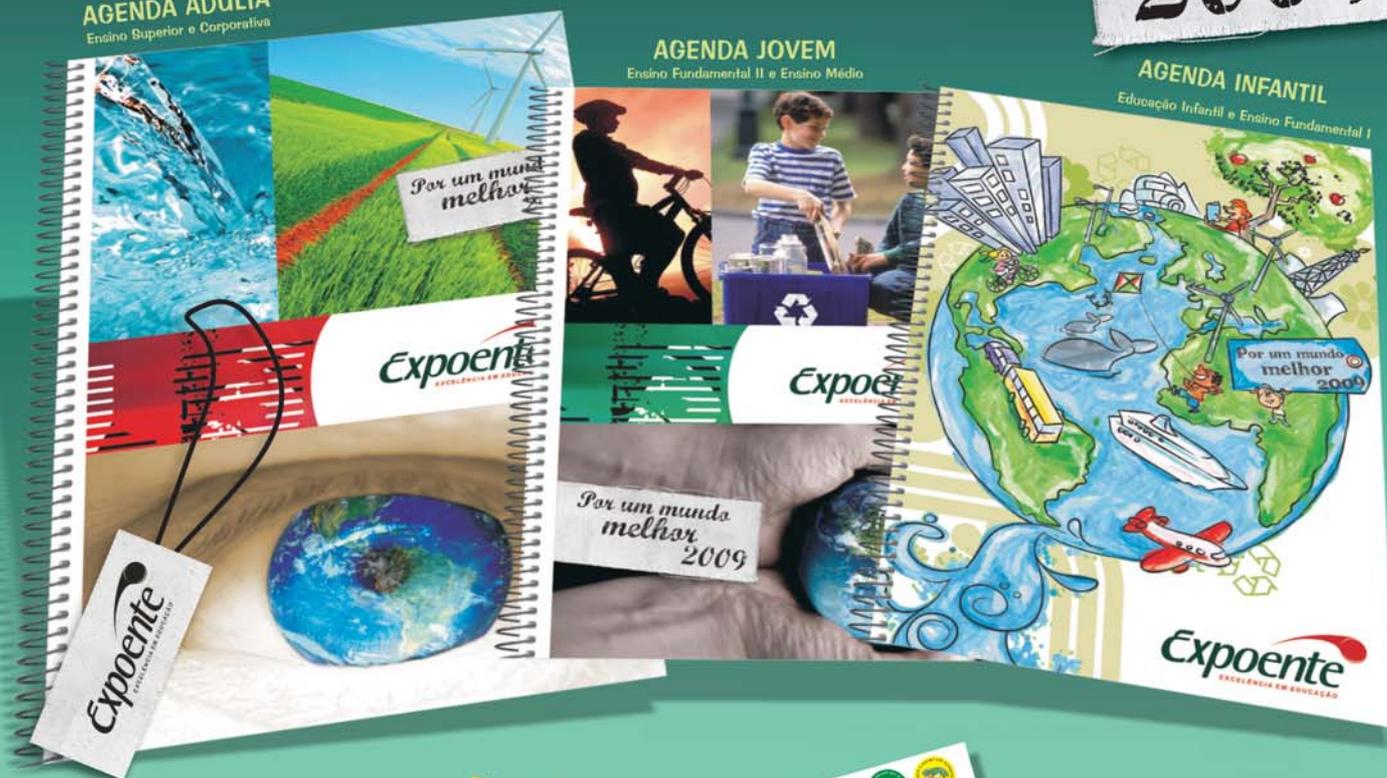
Para sua escola marcar presença na vida dos alunos e do planeta.

2009

AGENDA ADULTA
Ensino Superior e Corporativa

AGENDA JOVEM
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

AGENDA INFANTIL
Educação Infantil e Ensino Fundamental I



Feitas especialmente para a área de educação, as agendas escolares Expoente são desenvolvidas por uma equipe qualificada de autores, pedagogos e designers.

Além dos aspectos funcionais de qualquer agenda escolar, as agendas Expoente abordam temas relevantes no contexto educacional para que as instituições possam se beneficiar explorando-os em sala de aula.

A única agenda escolar com dicas úteis sobre o tema sustentabilidade e atividades interativas e complementares para pais, alunos e professores.

- Capa personalizada
- Dicas úteis sobre consumo consciente
- Calendário ambiental

Mais informações na Central de Relacionamento Expoente:
Curitiba e região (41) 3312 40 00
Outras localidades 0800 41 44 24

Expoente
EXCELENCIA EM EDUCAÇÃO

[tema 2009]

“Por um mundo melhor” é o tema Expoente 2009-2010



Afinal, o que está acontecendo com nosso planeta? O consumo exagerado, a poluição, o aquecimento global, a destruição de áreas verdes e a produção excessiva de lixo são algumas das questões que podem levar o planeta a uma situação caótica. Então, o que e como fazer para reverter este quadro? A resposta está na educação. Atento a estas questões, o Grupo Educacional Expoente escolheu a sustentabilidade e o consumo consciente, traduzidos no título “Por um mundo melhor”, como seu tema para 2009-2010.

Segundo Karina Lafraia, gerente de *marketing* do Expoente, o principal objetivo deste tema é contribuir para a construção de uma sociedade economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente sustentável. “A responsabilidade social e ambiental tem sido muito trabalhada no

mundo corporativo. É um momento importante para ressaltar este assunto em sala de aula para que alunos possam levar informações

segmentos, da Educação Infantil ao Ensino Médio”, enfatiza Karina.

Marta Ubeda, gerente do Centro de Excelência em Educação Expoente (CEEE), explica que

o tema será abordado no conteúdo de diversas disciplinas do material didático. “Ele permeia todo o trabalho do professor em sala de aula. É um trabalho contínuo”, destaca.

O objetivo,

entretanto, não é apenas apresentar conteúdos. Para Angela Basso, coordenadora de apoio às escolas conveniadas ao Sistema de Ensino Expoente, o material foi pensado e produzido especialmente para a vivência do tema. “‘Por um mundo melhor’ é muito mais do que um tema; é uma responsabilidade que todos devem ter. O material permite que os conteúdos sejam aplicados no dia-a-dia e não apenas no ambiente escolar”, afirma Angela.



ao ambiente familiar”, informa.

O tema “Por um mundo melhor” estará presente nas capas e conteúdos do material didático, nas agendas escolares, em materiais complementares (como *Sustentabilidade*, do Ensino Médio) e em materiais de apoio aos professores. “O tema será amplamente explorado nas agendas, em atividades do Portal Escola Interativa e na capacitação de professores das unidades escolares conveniadas em todos os

Ela acrescenta: “Podemos fazer com que as pessoas repensem suas atitudes ao despertar seu interesse em melhorar o mundo. E a possibilidade de trabalhar com as crianças, que se envolvem com mais facilidade, permite formar um cidadão com atitudes conscientes”. Marta reforça: “Todo o projeto visa à promoção da sustentabilidade ambiental, incentivando mudanças de comportamento dos alunos e de seus familiares em relação ao tema”.

No que diz respeito ao apoio a educadores, a gerente do CEEE ressalta que o Expoente inovou: “Firmamos uma parceria com Berenice Gehlen Adams, educadora com grande experiência em Educação Ambiental e fundadora do Projeto Apoema. A parceria envolve a elaboração de materiais de apoio ao professor, com textos e sugestões de atividades relacionadas ao tema de 2009. Serão produzidos dois volumes: um da Educação Infantil ao 5.º ano do Ensino Fundamental e outro do 6.º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Todo esse material

estará disponível no Portal Escola Interativa”, detalha Marta (veja, também nesta edição, entrevista pingue-pongue com Berenice).

Depoimentos

As escolas conveniadas ao Sistema de Ensino Expoente também demonstram satisfação com a escolha do tema. É o que conta Maria Vitória Sunti, diretora da Escola Municipal de Educação Básica Valentin Bernardi, da cidade de Itá, em Santa Catarina. “Gostei muito da escolha do tema para 2009. Todo ano desenvolvemos projetos e trabalhamos questões ambientais e sustentáveis com nossos alunos. O tema se encaixa perfeitamente à nossa proposta pedagógica. Esperamos aproveitar ao máximo o material didático e assim contribuir para o desenvolvimento sustentável de nossa cidade”, afirma. Já para



Cintia Giarolo, assistente pedagógica da escola Trevo Master, da cidade paulista de Santo André, é o momento ideal para o tema ser trabalhado no âmbito escolar. “É um assunto necessário e que não cansa, pois sempre existem novas maneiras de aplicar o conteúdo aos alunos”, afirma.

Agendas da Sustentabilidade Expoente

As Agendas Expoente 2009 falam a linguagem dos alunos e ainda levam o tema, “Por um mundo melhor”, para dentro da casa do estudante. Para facilitar o entendimento de professores e alunos, o tema foi dividido em 12 eixos, permitindo uma exploração mais profunda de cada um deles no decorrer do ano. Semanalmente, as agendas apresentam uma dica sobre o que efetivamente cada aluno ou familiar pode fazer para dar a sua contribuição por um mundo melhor. “Adotando nossas agendas escolares, as instituições de ensino, conveniadas ou não ao Expoente, terão acesso a conteúdos sistematizados, que poderão ser desenvolvidos em sala de aula pelos professores. Os alunos e familiares também poderão acessar mais informações sobre o assunto no portal www.escolainterativa.com.br”, enfatiza Karina Lafraia, gerente de *marketing* do Expoente e idealizadora do projeto.



[Matéria de capa]



Entenda a unificação ortográfica

Por Mariana Branco

Ultimamente, o assunto “Reforma Ortográfica” tem tido bastante destaque na imprensa. Trata-se do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que poderá, após 14 anos de espera, entrar em vigor, com prazo para sua adaptação – a princípio, até 2012. O Brasil aguarda o decreto do Presidente da República para sua implantação e existe a expectativa de que ele seja decretado ainda este ano. Enquanto aguardam a posição oficial do governo, os educadores e as escolas já se preparam para a mudança.

José Luiz Fiorin, professor do Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo (USP), explica que é um equívoco se falar em “reforma ortográfica” e em “unificação da língua portuguesa”. “Não se está fazendo propriamente uma reforma e sim um acordo de unificação ortográfica. Portanto, atinge basicamente os pontos de divergência das duas ortografias (a

que vigora no Brasil e a que vigora em Portugal e nos demais países lusófonos) e não faz reforma profunda na maneira de grafar as palavras”, esclarece. “O que se deseja fazer é uma unificação da ortografia, ou seja, da convenção por meio da qual se representam graficamente as formas faladas da língua. O que se pretende unificar é a escrita e não a língua, que varia de região para outra, de um grupo social para outro, de uma faixa etária para outra”, ensina Fiorin.

Conforme lembra o professor da USP, o acordo ortográfico foi assinado em 1990, em Lisboa, pelos países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Timor Leste). Estipulou-se que o acordo entraria em vigor em 1.º de janeiro de 1994, depois de sua ratificação pelos

diferentes estados nacionais, entretanto, como nem todos os países assinaram o acordo, conforme se previa, ele não pôde entrar em vigência. Em 2004, ficou definido que o acordo passaria a vigorar depois de ser ratificado por três dos oito países lusófonos. Até agora, aprovaram o acordo o Brasil, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e, mais recentemente, Portugal.

Com a unificação da ortografia, não será mais necessária a tradução de documentos oficiais entre os países lusófonos. “Haverá maior representação da língua portuguesa em fóruns internacionais e, diversidades culturais à parte, será possível promover melhor a comunicação entre esses países”, acrescenta Vanderlei de Siqueira, professor de Língua Portuguesa das unidades escolares do Exponente, em Curitiba (PR).

Principais alterações

Para entender a mudança ortográfica, o primeiro passo é manter-se informado. Uma dica aos educadores é que estudem as novas normas publicadas no *site* do MEC e em outras fontes igualmente confiáveis e que fiquem atentos à publicação do novo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), que provavelmente ocorrerá no início de 2009, e de gramáticas e dicionários escritos após a oficialização da unificação ortográfica.

O acordo ortográfico prevê mudanças no alfabeto, que passará de 23 para 26 letras, com o acréscimo das consoantes k, w e y. Com essa ampliação do alfabeto, a criança não terá mais que aprender que o alfabeto da língua inglesa é diferente do da língua portuguesa.

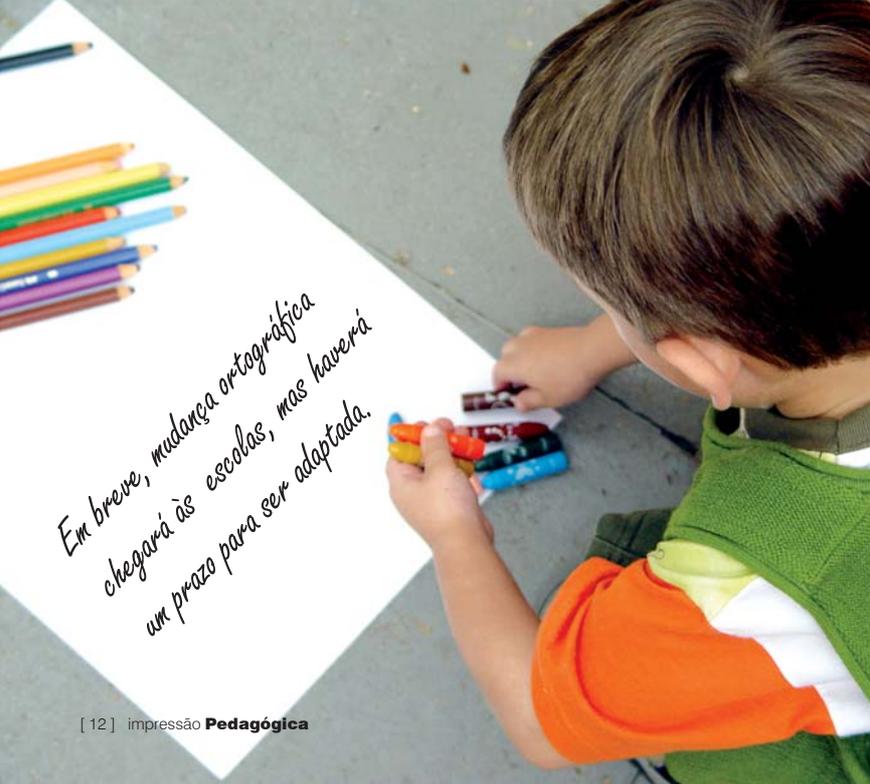
Outra alteração se relaciona ao trema, que será eliminado das palavras portuguesas e aportuguesadas. Os vocábulos “freqüência” e “tranqüilo”, por exemplo, serão modificados para “frequência” e “tranquilo”. Como para a regra do trema não há exceção, especialistas acreditam que sua exclusão não será motivo para dúvidas.

Já as alterações nas regras de acentuação e hífen são mais complexas porque envolvem exceções.

Segundo o acordo ortográfico, não serão mais acentuados os ditongos abertos “ei” e “oi” nas palavras paroxítonas, como “assembleia”, “ideia” e “colmeia”. Não se acentuarão o hiato “oo”, como em “voo” e “enjoo”, e nem o hiato “ee” das flexões dos verbos crer, dar, ler, ver e seus derivados. Exemplos: “creem”, “leem” e “reveem”. Não serão acentuados também o “i” e o “u” tônicos das palavras paroxítonas quando precedidas de ditongo, como é o caso do vocábulo “feiuira”. Para especialistas na Língua Portuguesa, as mudanças não irão prejudicar a leitura e as mudanças ortográficas não são radicais a ponto de fazer com que elas não sejam reconhecidas ou não se identifique a classe de que fazem parte.

Na opinião de Beatriz de Castro da Cruz, coordenadora do Telegramática, um serviço da prefeitura de Curitiba (PR), a mudança ortográfica irá simplificar o uso do hífen. Este sinal não será mais usado em situações como: 1) nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por “r” ou “s”, devendo estas consoantes se duplicarem. Exemplos: “antessala” e “ultrarromântico”; 2) nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente. Exemplos: “autoafirmação”, “extraescolar” e “infraestrutura”; 3) nos compostos em que se perdeu, em certa medida, a

noção de composição. Exemplos: “mandachuva”, “paraquedas” e “parabrisa”. Por outro lado, “microondas” passará a ser “micro-ondas” e “antiinflamatório” será “anti-inflamatório”. O hífen, portanto, será empregado nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por uma vogal igual. Para outros especialistas, as alterações de hífen não irão facilitar a escrita das palavras. “Havia regras para o emprego dele, foram criadas outras e, com elas, novas exceções. Quem tinha dificuldade para saber se uma palavra era escrita com hífen ou não, provavelmente vai continuar tendo de recorrer a um dicionário ou a uma gramática no momento de redigi-la”, argumentam.



*Em breve, mudança ortográfica
chegará às escolas, mas haverá
um prazo para ser adaptada.*

Adaptação nas escolas

Especialistas em educação sugerem que a mudança ortográfica aconteça de forma gradativa nas instituições de ensino. O professor Vanderlei de Siqueira sugere que, inicialmente, seja feita uma ampla divulgação das novas normas, principalmente nas séries mais avançadas, que já estão acostumadas com as regras antigas. Para ele, nas séries iniciais, esse trabalho será mais tranquilo, uma vez que as crianças ainda estão aprendendo a redigir as palavras. “O importante é não criar situações polêmicas, para que o aprendizado seja natural. Aliás, somente cerca de 2% do vocabulário brasileiro será atingido, de modo que não será preciso muito esforço para essa implantação”, opina.

Para o Ensino Médio, será uma oportunidade de algumas regras serem retomadas, já que muitas vezes os alunos desse segmento sabem escrever as palavras corretamente, mas não sabem justificar a presença ou a ausência de um acento; e agora terão de deixar de acentuar algumas palavras.

“Para isso, as correções devem funcionar como alerta e sem se descontar nota, durante a transição da norma ortográfica atualmente em vigor para a nova norma estabelecida pelo acordo”, orienta Siqueira. Outra recomendação é que os educadores enfatizem as vantagens dessa padronização. “Os adolescentes são naturalmente polêmicos. Não é necessário fazer da mudança ortográfica um motivo para debates longos e inflamados. A origem das palavras, as variações do português lusitano e as curiosidades históricas da evolução escrita podem servir de mote para justificar a padronização”, explica.

Outro aspecto dessa adaptação é todo o corpo docente estar informado sobre as novas regras. “O professor de Português não é o único responsável pela expressão escrita dos alunos. Todos os professores devem manter a mesma postura em relação à divulgação e ‘cobrança’ da linguagem escrita padrão”, orienta Siqueira.

No Colégio Auxiliadora, de São Gonçalo (RJ), escola parceira do Sistema de Ensino Expoente, esse processo será realizado. É o que explica Eloisa Helena Chagas Monteiro Alves, coordenadora pedagógica da área de psicologia da instituição. “A língua portuguesa é um fenômeno que atravessa todos os conhecimentos, sendo entendida e aplicada por outros professores, além do educador de Português. Os professores de História e Filosofia também podem ser grandes parceiros nessa questão da mudança ortográfica”, comenta Eloisa. Na opinião da



coordenadora pedagógica, a aprendizagem sobre a mudança ortográfica deve ainda se feita de forma gradativa e atrativa aos alunos. “A introdução dessas informações deve ser feita aos poucos, fazendo-se uma comparação das regras. Pode-se, também, motivar a curiosidade para o tema explicando que a língua é um fenômeno social e cultural”, acrescenta Eloisa. “É interessante que o professor explique o contexto de história que há por traz da unificação ortográfica e que ela não é inédita no mundo, pois temos o exemplo dos países hispânicos”, reforça Beatriz, do Telegramática.

O Grupo Educacional Expoente informa que todos os lançamentos de seu sistema de ensino em 2009 estarão dentro das mudanças ortográficas previstas no acordo, e os materiais que estão em uso serão atualizados gradativamente. “A nova versão do material de Pré-Vestibular Expodicas, lançada em 2008, já teve seu conteúdo adaptado à mudança ortográfica”, acrescenta Marta Ubeda, gerente do CEEE.

Regras do acordo ortográfico

Alfabeto

Passará a ter 26 letras, com a incorporação das letras “k”, “w” e “y”.

Hífen

Não se usará mais:

1. Quando o segundo elemento começa com “s” ou “r”; neste caso estas consoantes deverão ser duplicadas, como em “antirreligioso”, “antissemita”, “contrarregra”, “infrassom”. Exceção: será mantido o hífen quando os prefixos terminam com “r”, ou seja, “hiper-”, “inter-” e “super-”, como em “hiper-requintado”, “inter-resistente” e “super-revista”.
2. Quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente. Exemplos: “extraescolar”, “aeroespacial”, “autoestrada”.
3. Não se emprega o hífen em certos compostos em que se perdeu, em certa medida, a noção de composição. Exemplos: “manda-chuva” passará a ser “mandachuva” e “para-quedas” irá se tornar “paraquedas”.

O uso do hífen permanece:

1. Nos compostos com os prefixos “ex”, “vice”, “soto”: ex-marido, vice-presidente, soto-mestre
2. Nos compostos com os prefixos “circum” e “pan” quando o segundo elemento começa por vogal, “M”, “N” ou “H”: pan-americano, circum-navegação, pan-helênico, circum-murado
3. Nos compostos com os prefixos tônicos acentuados “pré”, “pró” e “pós”, quando o segundo elemento “tem vida à parte” na língua: pré-natal, pró-desarmamento, pós-graduação
4. Nos compostos com os elementos “além”, “aquém”, “recém” e “sem”: além-mar, além-fronteiras, aquém-oceano, recém-casados, sem-número, sem-teto

Trema

Deixará de existir, a não ser em nomes próprios e seus derivados.

Acento diferencial

Não se usará mais para diferenciar:

1. “pára” (flexão do verbo parar) de “para” (preposição);
2. “péla” (flexão do verbo pelar) de “pela” (combinação da preposição com o artigo);
3. “pólo” (substantivo) de “polo” (combinação antiga e popular de “por” e “lo”)
4. “pélo” (flexão do verbo pelar), “pêlo” (substantivo) e “pelo” (combinação da preposição com o artigo);
5. “pêra” (substantivo – fruta), “péra” (substantivo arcaico – pedra) e ainda “pera” (preposição arcaica).

Acento circunflexo

Não se usará mais este acento nas seguintes situações:

1. Nas flexões dos verbos crer, dar, ler, ver e seus derivados em que há duplicação das vogais. A grafia correta será “creem”, “deem”, “leem” e “veem”.
2. Em palavras terminadas em hiato “oo”, como, por exemplo, “enjôo” ou “vôo”, que se tornam “enjoo” e “voo”.

Acento agudo

Não se usará mais o acento agudo nas seguintes situações:

1. Nos ditongos abertos “ei” e “oi” de palavras paroxítonas, como “assembleia”, “ideia”, “heroica” e “jiboia”.
2. Nas palavras paroxítonas, com “i” e “u” tônicos, quando precedidos de ditongo. Exemplos: “feiúra” e “baiúca” passam a ser grafadas “feiura” e “baiuca”.
3. Nas formas verbais que têm o acento tônico na raiz, com “u” tônico precedido de “g” ou “q” e seguido de “e” ou “i”. Com isso, algumas poucas formas de verbos, como “averigúe” (averiguar), “apazigúe” (apaziguar) e “argúem” (arg(ü)ir), passam a ser grafadas “averigue”, “apazigue”, “arguem”.

Ensino Médio é para vida

Renaldo Franque*

Aprender para a vida. Esta é a filosofia básica, aplicada aos alunos do Ensino Médio do Exponente, em consonância com a proposta de reforma do Ensino Médio que o Ministério da Educação (MEC) vem implementando no país.

A Lei n. 9.394/96 trouxe mudanças, suprimindo os cursos profissionalizantes de nível médio e estabelecendo a generalização do propedêutico, considerado mais adequado e menos dispendioso diante da rapidez com que o desenvolvimento tecnológico e as transformações nas relações de trabalho defasavam os cursos técnicos específicos.

Argumentava-se em favor da preparação do aluno para o mundo tecnológico, para saber nele agir, pensar e compreender e não apenas treiná-lo para uma profissão que poderia, em breve, não existir mais. Ao generalizar o propedêutico, todos teriam o mesmo tipo de formação, o que resultaria em igualdade e oportunidade.

A simples substituição do discurso de que ao Ensino Médio cabe preparar para o trabalho pelo discurso de que, nesse período de desregulamentação e flexibilização

das relações e direitos sociais, de crise dos empregos, ele deve preparar para a vida significa que a este nível de ensino cumpre tão somente desenvolver competências genéricas e flexíveis, de modo que as pessoas pudessem se adaptar facilmente às incertezas do mundo contemporâneo. O problema da controvertida relação educação-trabalho passa pelos modelos de currículo pautados nos extremos, essencialmente humanista por um lado e marcadamente técnico por outro.

O histórico deixa claro que o desafio a ser enfrentado é a busca de um currículo para este nível de ensino que ofereça uma formação humanista consistente ao mesmo tempo que possibilite a compreensão da lógica e dos princípios técnico-científicos que afetam as relações sociais e de

trabalho. Uma proposta de educação que possibilite ao estudante condições tanto de se inserir no mundo do trabalho quanto de continuar seus estudos, ingressando no ensino superior.

Assim, a especificidade do Ensino Médio, como uma etapa da educação básica, não deve afastar nem dissociar o estudante da vida e do mundo do trabalho, tampouco deve submetê-lo aos interesses do mercado.

O currículo do Ensino Médio deve ser concebido sob uma visão ampla de conhecimento, presente nos conteúdos de todas as disciplinas que envolvam as dimensões científica, artística e filosófica. Esta escolha teórica, e também política, pretende a formação de um sujeito crítico, capaz de compreender seu tempo histórico e nele agir com consciência.



*Renaldo Franque é diretor do Colégio Exponente da unidade Comendador Araújo

[conveniadas]

Cecri promove consciência ecológica

Em junho, a ecologia dominou a pauta do Centro Educacional Criativo (Cecri), de Divinópolis (MG). Dois eventos direcionaram a atenção da população local ao tema: o Forró Ecológico e o Projeto Ecológico. O Cecri é conveniado ao Sistema de Ensino Expoente há três anos e atua do Maternal ao 3.º ano do Ensino Médio.

No Forró Ecológico, no dia 14 de junho, tudo na festa seguiu as normas do “ecologicamente correto”. A consciência ambiental foi despertada de forma criativa, como no caso da pescaria, que, no lugar dos tradicionais peixes, pescou-se o lixo. Do animado forró, passando pelo touro mecânico, pelos brinquedos infláveis até as apresentações dos alunos, o Cecri integrou toda a comunidade escolar em torno de um só objetivo: comemorar as tradições juninas com consciência ambiental.

No Projeto Ecológico, houve diversos momentos, envolvendo diferentes séries. Os alunos da Educação Infantil brincaram “de salvar o planeta”, confeccionando brinquedos com reciclagem. Já os estudantes do 1.º ao 5.º ano refletiram sobre o amanhã, desenvolvendo trabalhos com

reaproveitamento de material. Os educandos do 6.º e 7.º anos fizeram coleta seletiva e montagem de painéis educativos. Os alunos do 7.º ano visitaram entidades públicas e privadas, que promovem a reciclagem de materiais, montaram painéis sobre elas e expuseram fotos da natureza. Coube aos estudantes do 8.º e 9.º anos realizar um levantamento do prejuízo causado pelo uso de sacolas plásticas. Os estudantes do 1.º e 2.º anos do Ensino Médio produziram uma peça teatral e um videodocumentário sobre a “metade boa” do meio ambiente, abordando a qualidade de vida, e outro sobre a “metade ruim”, sobre os problemas ambientais.

Todos esses projetos foram apresentados no Terra Parque Shopping, de 5 a 8 de junho, sob a coordenação dos professores de Biologia e Ciências, Ulisses Natividade e Angelita Pimenta, respectivamente. Jéssica Barreto, aluna do 2.º ano do Ensino Médio



Divulgação/Cecri

No Centro Educacional Criativo (Cecri), de Divinópolis (MG), as comemorações juninas também envolveram a consciência ambiental

do Cecri, descreve como foi participar do Projeto Ecológico: “É muito forte o impacto de uma mata sendo queimada. A cena me assustou. Ao fazer um videodocumentário sobre os problemas ambientais, percebemos a gravidade do problema e isso despertou nossa vontade de mudar esta situação em que vivemos”. Segundo Maria José de Lacerda Rocha, diretora da escola ao lado de Mércia Elísia Santos Cunha, é preciso haver incorporação diária de atitudes benéficas ao meio ambiente. “Celebrar um dia e degradar durante os outros 364 dias do ano só pioram as coisas, pois se fala algo e se faz outro”, afirma Maria José.

Projetos integram alunos, pais e professores

Por Mariana Branco

Localizado em Jales, a 150 km de São José do Rio Preto, no Noroeste paulista, o Colégio Éden Educação para a Vida, conveniado ao Sistema de Ensino Expoente, aposta em ações diferenciadas, que promovem a socialização das crianças. Dentre as atividades desenvolvidas pela escola, destaca-se a Feira do Conhecimento. Atualmente com 136 alunos da Educação Infantil, o colégio planeja sua ampliação em 2009, com a construção de mais um prédio, que irá abrigar o Ensino Fundamental I.

Realizada anualmente, a Feira do Conhecimento é um evento de grande sucesso e muito aguardado pelos pais e alunos. Além de proporcionar a aprendizagem, ela também promove a integração. “A feira tem por objetivo a integração da escola com a família, ampliando o conhecimento e despertando valores como amizade, caráter, generosidade e cooperação”, informa a pedagoga e psicopedagoga Raquel Aparecida Ferreira Prado, mantenedora e diretora da escola.

A Feira do Conhecimento sempre acontece no segundo

semestre. Durante a feira, os alunos têm a oportunidade de exercitar a capacidade de organização em equipe, de expressar sua criatividade por meio da dança, da música ou teatro e, principalmente, de demonstrar o resultado de um rico trabalho de pesquisa. Já foram abordados nesta feira temas como “O Corpo Humano”, “Os animais”, “Água” e “Evolução dos Meios de Transporte”. Desde os preparativos até a apresentação do evento, são contempladas todas as áreas de conhecimento relacionadas aos temas da pesquisa. “De uma forma ou de outra, os alunos vivem a aprendizagem indo além das aulas teóricas e das paredes da sala de aula, é o momento da superação e da expressão do conhecimento”, completa Raquel, informando que o tema da Feira do Conhecimento deste ano será “Cidadania”.

A diretora ainda destaca mais duas ações da escola realizadas em 2008: os projetos “Guardiões da

Natureza” e “Alfabetização e Letramento”. O “Guardiões da Natureza” foi baseado no livro *Colorina Árvore da Vida*, sugerido no material didático do Expoente. Por meio deste livro, os alunos do nível V puderam vivenciar e aprender um pouco mais sobre a natureza e confeccionaram seu próprio livro sobre a preservação do meio ambiente. Posteriormente, os estudantes visitaram o bosque municipal da cidade, onde ganharam uma muda de ipê amarelo, que foi plantada na escola.

Já o projeto “Alfabetização e Letramento” teve como objetivo mostrar às crianças a função social da escrita. Os alunos visitaram um jornal da cidade para ver como é feita uma publicação e também conheceram o funcionamento da biblioteca municipal. “Procuramos mostrar que, além de ler, o estudante deve saber interpretar o texto e ter uma opinião sobre ele”, comenta a diretora.



Projeto “Guardiões da Natureza” foi baseado em livro sugerido no material didático do Expoente

[conveniadas]

Colégios homenageiam Ribeirão Preto

Por Mariana Branco

De março a junho deste ano, as escolas Anjinho da Guarda, de Educação Infantil, e Colégio Alvorada, de Ensino Fundamental, do mesmo grupo, realizaram um amplo projeto que foi destaque no ensino de Ribeirão Preto (SP), cidade em que estão localizadas. O projeto homenageou a cidade, cujo aniversário foi comemorado em 19 de junho.

A coordenadora pedagógica dos colégios, Taryn Sofia Abreu dos Santos, conta que o projeto permitiu às crianças o acesso ao conhecimento da história do município, desde o seu surgimento. Ela detalha a proposta: “Estudamos o advento do café e sua projeção mundial, bem como a exploração desta riqueza e os benefícios provenientes dessa fase áurea para Ribeirão Preto; o projeto propiciou também aos alunos o conhecimento sobre a cana-de-açúcar e outros setores da economia que geram o desenvolvimento da cidade, como o comércio, a saúde e a

educação”. Ela conta que as crianças foram levadas a se perceber como parte integrante dessa história. Foram realizadas muitas atividades interdisciplinares.



Outro momento foi a Semana Cultural, realizada entre os dias 8 e 12 de junho, com o propósito de possibilitar às crianças o acesso a pontos turísticos de Ribeirão Preto.

Ao final do projeto, as escolas organizaram uma exposição, que exibiu todos os trabalhos executados durante os quatro meses, e também um festival. Denise Carpintieri Amoroso de Lima, mãe de Mel Amoroso Carpintieri (Nível II) e Cauê Amoroso Carpintieri (Nível V), ambos alunos

da Anjinho da Guarda, gostou do projeto. “O tema possibilitou uma vivência sensível, prazerosa, estimulante e significativa da criança na redescoberta do seu cotidiano e da cidade onde vive”, explica.

Segundo Taryn, o material do Expoente contribuiu para a construção do projeto. Por meio dos temas propostos nos materiais didáticos do 1.º e 2.º bimestres, as professoras puderam enfatizar o tema central: “Ribeirão Preto”. “Unidades como ‘Eu e meu corpo’ (nível II – volume único), ‘Eu e as pessoas que me rodeiam’

(nível III – volume 1), ‘Onde estamos’ e ‘Vivendo em família’ (nível IV – volumes 1 e 2), ‘Brincar é viver’, ‘Um mundo cheio de histórias’ e ‘Direito de ter direitos’ (nível V – volumes 1 e 2) puderam ser relacionadas ao projeto, resultando em atividades interessantes e significativas. O material do Ensino Fundamental também inspirou as professoras. Conteúdos como ‘Microrganismos’, ‘Paisagens rural e urbana’, encontrados nas apostilas do 1.º ao 3.º ano, foram proveitosos”, detalha.

Escola reforça prática ambiental

Situada em um ambiente cercado pela natureza, entre fauna e flora, a Escola Ecológica, de Curitiba (PR), foge dos padrões tradicionais das escolas urbanas. Fundada em agosto de 1996, a escola tem uma proposta diferenciada da maioria das instituições de ensino: ela desenvolve várias atividades e projetos que estimulam, desde cedo, a prática ambiental.

É o que conta Cilmara Alberti, diretora e fundadora da Escola Ecológica: “Todas as atividades que desenvolvemos têm ligação direta com a natureza. As crianças aprendem e levam os ensinamentos para casa. Depois, cobram dos pais uma postura mais ecológica e sustentável”, afirma.

O projeto de revitalização do Rio Mossunguê, poluído em grande parte de seu trajeto, é um

exemplo a ser seguido por outras comunidades. As crianças recolhem o lixo encontrado nas margens e no leito do rio para que a sujeira não se prolifere, esperam o caminhão do lixo e jogam os resíduos diretamente na caçamba do veículo. “Esta é uma ação muito importante para a conscientização dos alunos e também da comunidade local. O rio é agredido em muitos trechos e aqui ele encontra pessoas preocupadas com o seu futuro”, enfatiza Cilmara.

A reciclagem também é levada a sério. Os professores estimulam os alunos a levar o lixo reciclável até o colégio para que possam doá-lo a uma pessoa responsável pela coleta e reciclagem do lixo. Durante todo o ano, a escola desenvolve projetos ligados à Educação Ambiental e valoriza ações que possam ajudar a melhorar o mundo. “O principal objetivo é que as crianças aprendam a respeitar o meio ambiente, sua flora e

fauna. Nossos alunos plantam árvores, frutas e verduras e o que colhemos podem levar para casa. Além disso, brincam com os animais, como patos, coelhos e tartarugas, e aproveitam as maravilhosas trilhas ecológicas para



relaxar e respirar ar puro”, completa Cilmara.

Em razão do sucesso de sua proposta pedagógica, desde sua fundação, a escola ampliou significativamente sua infra-estrutura. Foram construídos dois pavilhões para salas de aula, salão de festas, laboratórios, sala de recreação, piscina e parquinho. A escola oferece turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, incluindo também o Ensino Fundamental de nove anos, do 1º ao 5º ano. O site da escola é www.escolaecologica.com.br.



Alunos durante o projeto de revitalização do Rio Mossunguê

Falta de disciplina tem solução

Por Mariana Branco

A falta de disciplina dos estudantes é um tema antigo, pois ocorre há décadas. Por outro lado, o tema é atual, já que continua a existir e a afetar o dia-a-dia das escolas brasileiras. Diante do fato, os educadores se perguntam: como resolver o problema? E, afinal, ele tem solução?

Para especialistas em educação, a indisciplina em sala de aula pode ser controlada e minimizada, mas não existe “fórmula mágica” ou uma solução rápida. É preciso que o professor tenha paciência e, ao mesmo tempo, o suporte da direção e da coordenação da escola. Em paralelo, os pais devem se envolver mais na vida escolar dos filhos e também fornecer todas as informações necessárias à escola.

A pedagoga Angela Basso, coordenadora de apoio às escolas

conveniadas ao Sistema de Ensino Expoente, explica que nem sempre as regras da escola permeiam o ambiente familiar do aluno. Assim, em muitos casos, a indisciplina já se manifesta dentro de casa, mas a família não a detecta, não a entende. “Por isso, é papel dos pais aceitarem a participação da escola e a ajudarem neste processo, não omitindo informações sobre como é o relacionamento familiar. Os pais devem dar respaldo à escola, e vice-versa”, orienta Angela.

A forma como a instituição de ensino conduz o assunto fará toda a diferença. É o que informa Marilza Regazzo Grabarski, pedagoga, mestranda em educação e psicopedagoga clínica. “A partir do momento em que a escola convocar pais de alunos indisciplinados com o objetivo de

ouvir, conhecer a família e compreender que o aluno não é um ‘número de chamada’, as soluções começam a aparecer. Mas enquanto a escola estiver convocando os pais para apenas dizer que o seu filho não respeita os professores e não participa da aula, as dificuldades vão continuar”, explica. A especialista sugere que o envolvimento da família no contexto escolar esteja muito além da participação nas festas comemorativas e entregas de notas. Para Marilza, muitas vezes, os pais não sabem como agir. “Para isso, a escola pode oferecer palestras sobre educação de filhos e emprestar material para leitura”, sugere.

Segundo Rosi Poffo, diretora da unidade de Santana do Colégio Aliado, de São Paulo (SP), 90% dos motivos da falta de disciplina são familiares, e a ausência dos pais na vida dos filhos tem contribuído muito para o problema. “Hoje em dia, existem muitos pais apáticos, indiferentes. Ambos trabalham fora e acabam compensando sua ausência com presentes. A indisciplina na escola é um reflexo do que está acontecendo na família brasileira”, ressalta. No Colégio Aliado, quando um aluno é indisciplinado, o primeiro passo é



conversar com o estudante. “Se não der resultado, chamamos a família. Além disso, recomendamos terapia se a criança é muito agressiva, pois temos que descobrir o motivo dessa agressividade”, conta Rosi. Para a solução do problema, ela destaca: “É preciso que haja um trabalho em equipe entre os pais, a escola e o terapeuta”.

O outro lado

Embora a família geralmente esteja por trás do problema, os educadores também alertam que a própria escola e a atitude dos professores em sala de aula influenciam no comportamento dos alunos. Em primeiro lugar, é preciso dar o exemplo. “O discurso e a prática devem caminhar juntos. É o caso do uso do celular em sala de aula”, comenta Angela. Outro aspecto é que a escola tem que ser prazerosa. “Se somente existirem regras, a indisciplina vai acontecer mesmo”, afirma a coordenadora pedagógica.

Segundo Marilza, o tema da indisciplina na escola é complexo, já que o perfil da sociedade e dos jovens também mudou. “Antigamente, o aluno aprendia por meio da fala do professor e dos livros. Hoje, ele tem disponível uma variedade muito grande de informações e permanecer na sala de aula já não é tão prazeroso. Se a aula não é interessante, a agitação, a conversa paralela e as brincadeiras começam a tomar conta da turma, que acha difícil prestar atenção, copiar e responder. Mas soluções existem e com bons resultados”, opina.

Para ela, enquanto houver educadores preocupados em “passar conteúdos”, a indisciplina e a falta de interesse não deixarão de existir. “Se o professor não desenvolver a empatia e o respeito pelo aluno, a recíproca também não acontecerá. Nossos jovens já não aceitam mais o conteúdo pelo conteúdo, se ele não for interessante”, explica Marilza.

Ao mesmo tempo, a escola precisa ajudar os professores a encontrar soluções, já que elas existem, mas nem sempre se encaixam em todas as realidades. “Às vezes, é preciso mostrar aos professores a necessidade de reverem sua prática docente,

auxiliando-os a descobrir onde, como e por que a indisciplina acontece em sua aula”, esclarece Marilza.

Fala-se também da necessidade de o professor desenvolver a interdisciplinaridade, a consciência do sujeito crítico e participativo e, para que isso ocorra, este profissional precisa passar por reciclagens, participando de cursos, por exemplo. “O educador tem o dever de fazer o aluno gostar de estudar. Quando isso acontece, quando o estudante descobre como é bom ler um livro, solucionar um problema, não sobra tempo para bagunçar”, completa Marilza.

Construindo as regras

Outra tarefa da escola é deixar claro aos pais, no início do ano letivo, quais são as regras da instituição de ensino. Em relação aos alunos, a pedagoga Angela Basso sugere que, mais do que apresentar as regras, o professor envolva os estudantes em sua elaboração. É o que ela chama de “combinados” — lista de regras para um bom funcionamento na sala de aula. “O professor pode estabelecer com seus alunos uma lista no final da primeira semana de aula. Não é algo imposto, mas construído com a turma”, orienta.

Exemplos de combinados

- Quando o aluno pode sair da sala para ir ao banheiro?
- O que acontece quando o aluno deixa de fazer as tarefas?
- O que acontece quando o estudante esquece o material?
- Quais serão as conseqüências se o aluno usar vocabulário inadequado?
- O que se caracteriza como desrespeito ao professor?
- O que se caracteriza como desrespeito ao colega?
- Quais serão as conseqüências ao se desrespeitar um colega?

Diversas vertentes



Nesta entrevista, a pedagoga e psicopedagoga Marilza Regazzo Grabarski, palestrante e autora dos livros *Pais e filhos: uma convivência saudável* e *A criança que não aprende na escola que ensina*, aborda mais detalhes sobre a indisciplina na sala de aula. Confira.

Impressão Pedagógica – Qual é o papel do professor na questão da indisciplina?

Marilza Regazzo Grabarski – O de desenvolver o melhor com a sua turma, permitindo que se envolvam com a aprendizagem, com responsabilidade e alegria de aprender. É o de acreditar que, por meio da educação, podemos transformar o mundo e que ele é um dos pilares na formação de indivíduos que participarão de uma sociedade mais tolerante, mais humana e justa. O papel do professor é grande e de muito respeito, porque, pelas suas mãos, passarão grandes mestres, médicos, atletas, enfermeiros, músicos e engenheiros.

IP – Qual a responsabilidade dos pais neste assunto?

Marilza – Quando são presentes na vida escolar do filho, quando lêem e assinam as agendas, eles ensinam aos filhos que estudar e participar das aulas é um compromisso e que deve ser levado a sério e, assim, contribuem de maneira bem satisfatória para uma educação de qualidade. Quando os pais não se comprometem com o ensino e a aprendizagem, cabe à escola convocá-los, solicitando maior participação. Pais também precisam ser orientados.

IP – Sem tempo, os pais acabam delegando à escola a tarefa de colocar limites em seus filhos?

Marilza – Temos hoje muitos pais conscientes de seus deveres. Muitas vezes, eles comentam que não sabiam que estavam agindo errado com o filho e que pecaram pelo excesso de permissões; é quando surge a falta de limites. Alunos com falta de limites são aqueles que não aceitam ser contrariados, que ameaçam o professor, os colegas e que querem impor sempre suas vontades. O fator indisciplina tem muitas vertentes: aulas chatas, professores apáticos, alunos desinteressados, pais ausentes, desestrutura familiar, agressões paternas, abusos, dificuldades de aprendizagem, alunos com altas habilidades e portadores do déficit de atenção com hiperatividade. Cabe às famílias, ao professor e à equipe pedagógica ter a compreensão das causas, para buscar as soluções.

IP – Qual sua mensagem para o professor que precisa lidar com este problema?

Marilza – Por trás do aluno indisciplinado, há um grande ser humano, com muitas potencialidades. Vale a pena investir em sua recuperação e fazer parte da sua história, como um professor que fez a diferença e o ajudou a ser melhor e mais capaz. As escolas precisam de educadores que acreditam na mudança.



Escolas têm papel determinante na disciplina dos alunos, ao formarem cidadãos conscientes de suas responsabilidades

Expoente conhece

os sistemas educacionais da Escócia e Irlanda

O sistema educacional europeu é um tanto quanto diferente do brasileiro. No velho continente, a maioria dos governos trata a educação como prioridade. Este é o caso da Escócia e da Irlanda, países que mantêm uma educação exemplar para todo o mundo. É o que relata Armindo Angerer, diretor-geral do Grupo Expoente, que, juntamente com o diretor José Luiz Amálio de Souza, visitou recentemente esses países com um grupo de educadores brasileiros. A viagem foi promovida pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (SIEEESP) e

organizada pelo IES Educação Internacional, com o objetivo de conhecer como funciona a educação por lá.

“Na Irlanda, a educação foi a grande responsável pela virada econômica e levou o país a ser chamado de Tigre Celta. Isso influenciou diretamente a sua entrada para o mercado comum europeu”, afirma Angerer. A Escócia também é um exemplo de sucesso;

prova disso é que 25% dos alunos são estrangeiros, ou seja, vão estudar no país em busca de qualidade. Nos dois países, a avaliação do professor é feita pelas respectivas administrações escolares. O aluno participa de uma avaliação única, patrocinada pelo departamento de educação do



país, e o *ranking* é publicado nos principais jornais. “A nota da avaliação nacional, mais a análise do currículo da escola em que o aluno estudou e seu desempenho durante o período escolar servem de base para o ingresso dele no Ensino Superior”, explica Armindo.

Nas “escolas independentes” — equivalentes às escolas privadas no Brasil —, não há qualquer cobrança de imposto. Outra

diferença é a liberdade quanto à administração do currículo escolar e da escola, que normalmente é feita por um Conselho da Comunidade. “A escola independente tem a reputação de dar atenção individual aos alunos, de produzir bons resultados nos exames e de oferecer uma grande variedade de atividades extracurriculares”, enfatiza Armindo. Tanto na Escócia como na Irlanda, todas as salas de aula são equipadas com quadro eletrônico, projetor multimídia e computadores. Os espaços para a prática de atividades esportivas, artísticas e científicas são muito amplos e utilizados

plenamente. “Todas as escolas têm ótima estrutura curricular, excelente infra-estrutura, professores capacitados e dedicados e os alunos sabem o que querem”, complementa Armindo, acrescentando que a grande diferença cultural entre europeus e brasileiros leva a crer que o sistema educacional do Brasil precisa passar por uma reestruturação de mentalidade e amadurecimento.

[aprendizagem]

Educação infantil

Saiba por que ela é determinante para a formação do aluno

Por Mariana Branco

A Educação Infantil trabalha os aspectos social, físico, psicológico e intelectual da criança, contribuindo para a formação de sua identidade pessoal, inclusive como um cidadão consciente. “A questão dos valores, a sua consciência corporal e o fato de entender seus comportamentos e ser feliz mesmo sabendo que o mundo não é perfeito fazem parte desse processo. A Educação Infantil ainda trabalha o raciocínio, a linguagem e explora o lúdico, que é tão importante. Isso tudo exige um ambiente propício, que a escola pode oferecer”, resume a pedagoga Flávia.

Ao interagir com a sociedade, o primeiro caminho traçado pela criança é a emoção. Nas idades iniciais, ela imita os adultos e, à medida que vai crescendo, vai gradualmente diminuindo esta atitude até ter posturas próprias. “Quando o indivíduo começa a interagir com o meio, com um grupo social, ele começa a deixar de pensar só em si e percebe outras pessoas à sua volta e as suas diferenças”, explica Flávia, acrescentando que, além da construção social, existe toda uma

A photograph showing two young children, a boy and a girl, playing together outdoors. They are both wearing red and white t-shirts with the logo 'Expoente' and 'INSTITUTO DE EDUCAÇÃO' visible. They are holding a large red hula hoop. The boy is on the left, looking towards the girl on the right. The girl is looking down at the hoop. The background shows a building and some greenery.

Durante os anos da Educação Infantil, a criança adquire conceitos importantes, como aprender a interagir com o outro

Os primeiros anos da criança na escola vão muito além da necessidade dos pais em deixá-la sob os cuidados de educadoras enquanto vão trabalhar. As coordenadoras pedagógicas das unidades escolares do Expoente – da Educação Infantil até a 4ª série do Ensino Fundamental –, Márcia Comandulli e Flávia Rubick, citam diversos argumentos que comprovam como uma boa qualidade da Educação Infantil é determinante para o sucesso futuro

da formação escolar. “Nos países que levam a educação a sério, os primeiros anos da criança na escola são fundamentais e recebem grandes investimentos por parte dos governantes. Um dos principais motivos é que a criança que frequenta boas escolas de Educação Infantil tem melhor aproveitamento e desempenho escolar futuramente”, destaca Márcia, que é pedagoga e especialista em metodologia do ensino e aprendizagem.

ação educativa que se preocupa com o desenvolvimento dos aspectos físico, psicológico e intelectual.

Raciocínio lógico

Na Educação Infantil, o raciocínio é trabalhado por meios de jogos, brincadeiras e, principalmente, em situações-problema do cotidiano da criança. “Quando trabalhamos com conhecimentos matemáticos partindo dessas situações, proporcionamos ao aluno o desenvolvimento da capacidade de generalizar, analisar, sintetizar, inferir, formular hipóteses, deduzir, refletir e argumentar, habilidades cognitivas que servirão de base para a construção e assimilação de conhecimentos do aluno nas séries futuras”, explica Márcia.

Flávia lembra aos educadores que o aluno não deve ser encarado como um “depósito de conteúdos”, do qual, muitas vezes, se espera uma resposta pronta e certa e da forma como foi ensinado. “Para que a aprendizagem aconteça, é necessário que o professor estimule o aluno a descobrir com o meio e a fazer suas próprias associações”, orienta. Segundo a pedagoga, nesta fase, a criança ainda está aprendendo a ter noções do que está a sua volta e a escola lhe oferece uma gama de situações e descobertas.

Matemática e o futuro

Ainda no que se relaciona ao raciocínio,

acredita-se que a criança construa suas bases matemáticas pela necessidade de resolver situações típicas da fase em que está vivendo e pelas relações sociais que se apresentam em seu dia-a-dia: para contar figurinhas, comparar quem tem mais, quem tem menos, contar os pontos no jogo, repartir brinquedos e objetos etc. “Dessa forma, ela aprende a expor idéias, escutar o outro, elaborar procedimentos e estratégias de resolução de problemas, reconhecer os erros e buscar novos dados para solucionar determinadas situações”, exemplifica Márcia. Segundo ela, a Educação Infantil configura-se como o espaço natural do jogo e da brincadeira. Assim, a criança aprende participando ativamente do processo de construção dos conceitos matemáticos. “Ela desenvolve o gosto e o interesse pela matemática, pois faz descobertas de maneira significativa e prazerosa, consolidando conhecimentos que serão necessários para os desafios e aprendizagens futuras”, orienta Márcia.

Flávia concorda com esses conceitos e afirma que a formação do professor das séries iniciais deve ser tratada com todo cuidado, porque este profissional tem um papel importantíssimo: é ele que vai definir como o aluno verá a matemática no futuro. “Com o ambiente em sala propício para que as descobertas e experiências ocorram, o professor deve fazer um papel de mediador, facilitando a aprendizagem. Nessa tendência, ele se destitui do papel de superior e constrói o conhecimento com o aluno”, detalha. Para Flávia, o aprendizado é efetivado quando se dá a transposição do sentir com o pensar. “O conteúdo a ser aprendido precisa fazer algum sentido para o aluno. Isso acontece quando a nova informação ancora-se nos conceitos relevantes já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz. Ou seja, se a criança já tem domínio das estruturas básicas, se a matemática faz parte da sua vida, estudar será um prazer e não uma dificuldade”, informa.



Na Educação Infantil, brincadeiras ajudam as crianças a entender o mundo e a vida escolar

Hora de brincar

Muitos pais têm dúvidas sobre a importância de deixar seus filhos na escola, para que fiquem “brincando”. Cabe aos educadores orientar que a brincadeira é uma



linguagem infantil e favorece a auto-estima da criança. Além disso, segundo Márcia, no ato de brincar, a criança reconhece algumas de suas características e interioriza modelos dos adultos, situações já vividas ou ainda vivenciadas, além de adquirir independência para assumir determinados papéis, acionando seu raciocínio para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. “Enquanto Vygotsky fala sobre o ‘faz-de-conta’, Piaget fala sobre o jogo simbólico. Para ele, o brincar cria uma ‘zona de desenvolvimento proximal na criança’, por meio da qual acontece a aquisição do conhecimento. Piaget diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades

intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa”, argumenta Márcia, citando conceitos bibliográficos.

Flávia acrescenta que o processo de apreensão do símbolo pela criança inicia-se com a utilização do gesto, do jogo e do brinquedo como formas de representação, tendo sempre como suporte a fala. “Isso significa o desenvolvimento da criança por meio do que é específico para sua idade, ou seja, brincar. Com as brincadeiras, ela aprende de forma lúdica todos os aspectos relacionados ao social, físico, psicológico e intelectual, ajudando-a a ser um indivíduo mais completo, com uma gama de possibilidades para uma aprendizagem significativa no futuro”, analisa.

Cada vez mais cedo

Hoje em dia, a criança entra na escola cada vez mais jovem e,

às vezes, com menos de um ano de idade. As escolas tiveram de se adaptar a esta realidade, no que diz respeito, por exemplo, à estrutura física (com espaços adequados e adaptados), à oferta de horários especiais de atendimento e à formação e contratação de profissionais. “Estes devem estar preparados e comprometidos em promover uma educação que contemple a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança”, pontua Márcia. Flávia lembra também que a escola da Educação Infantil deve se ocupar da sistematização do conhecimento. “As crianças dessa fase não são mais como antigamente, que só viriam a aprender a realidade escolar na 1ª série. Elas estão cada vez mais preparadas, deixando os pais mais tranquilizados quanto à adaptação e desenvolvimento na escola”, explica.

Aspectos para uma Educação Infantil de qualidade

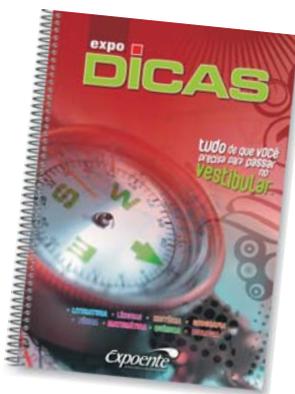
- Profissionais qualificados que priorizem a criança no seu dia-a-dia e invistam na formação continuada.
- Proposta pedagógica que contemple todos os aspectos para o bom andamento do trabalho pedagógico e que respeite o processo de desenvolvimento infantil, possibilitando à criança toda forma de estímulo e aprendizagem.
- Ambiente saudável com um espaço bem planejado e organizado de acordo com as exigências e necessidades de cada faixa etária.
- Rotina, variadas possibilidades de aprendizagem e muita criatividade no dia-a-dia escolar.
- Material pedagógico coerente com a proposta pedagógica.

Fontes: Márcia Comandulli e Flávia Rubick

[fique por dentro]

Expodicas atualizado

O Expodicas, material de apoio para o Pré-Vestibular, foi totalmente atualizado e reformulado para o ano de 2009. Com *layout* e diagramação novos, seu conteúdo foi adaptado à mudança ortográfica da língua portuguesa. O material reforça os assuntos mais importantes das disciplinas trabalhadas no vestibular.



Novos materiais para 2009

O Sistema de Ensino Expoente lançará em 2009 uma nova coleção de material didático para o Ensino Médio, que será implantado gradativamente. Dessa forma, o material do 1.º ano será lançado em 2009 e os do 2.º e 3.º anos do Ensino Médio em 2010. No ano que vem, também será lançado o material didático do 3.º ano do Ensino Fundamental de 9 anos (os volumes do 1.º e 2.º anos foram lançados em 2008). Para a linha de Pré-Vestibular, as disciplinas de Matemática e Química serão atualizadas para o curso Extensivo.



Materiais complementares

O Sistema de Ensino Expoente oferece diversos materiais complementares. Alguns exemplos são o livro *História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*, para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, e a coleção *A Educação Física na Educação Infantil*, ambos lançados em 2008. Além disso, outros dois materiais – *Sustentabilidade e Metodologia Científica: Primeiros Passos* – direcionados ao Ensino Médio estão sendo atualizados para 2009.



Novidades do Portal

O portal www.escolainterativa.com.br está recheado de novidades. Em comemoração ao Mês do Folclore (agosto), por exemplo, há um material especial sobre a vida e obra de Monteiro Lobato, e, em referência ao centenário da morte de Machado de Assis, há detalhes da obra *O célebre bruxo do Cosme Velho*. Neste mesmo espaço, são apresentados projetos das unidades escolares do Expoente. E, em reconhecimento ao trabalho das escolas conveniadas, elas também poderão utilizar este canal para divulgar seus projetos diferenciados. Outros destaques do portal são os canais “Arte em estudo”, e “Educação Física”. Também estão disponíveis nos canais “Material Didático” e “Vestibular” os testes complementares para a modalidade de Semi-Extensivo. Outra referência do portal são as videoaulas, que auxiliam os estudantes a reforçar os estudos.



[sala de aula]

Jogos de tabuleiro

ajudam na aprendizagem

Com os jogos de tabuleiro, as crianças desenvolvem o raciocínio e aprendem a formar palavras

Por Mariana Branco

sua aula é conhecer profundamente suas regras, ou seja, saber jogá-lo. “Ele precisa ter tido a prática, seja em sua infância, seja ao jogar com seus filhos ou sobrinhos, por exemplo”, conta a psicopedagoga. Assim, antes de apresentar determinado jogo de tabuleiro aos alunos, é importante que haja uma experiência prática anterior, de preferência com uma criança. “O professor precisa perceber as estratégias da criança, que são diferentes das utilizadas pelo adulto”, orienta a especialista. Segundo Márcia, conhecendo bem o jogo, o adulto também tem uma noção para qual idade determinado produto é recomendado. “Nem sempre a idade indicada na caixa é a mais correta”, informa Márcia.

Depois de conhecer bem os jogos, o ideal é que o educador faça, no início do ano letivo, uma lista dos jogos de tabuleiro que pretende utilizar. “Mas eles precisam ser inseridos dentro de uma proposta pedagógica da escola, sendo esta uma proposta dinâmica de

A origem dos jogos de tabuleiro é antiga. Eles começaram a ser usados há milhares de anos, nas regiões do antigo Egito e da Mesopotâmia e, até hoje, encantam e divertem crianças, jovens e adultos.

Além de representar uma forma de entretenimento, esses jogos também podem ser grandes aliados no tratamento de crianças com dificuldades de aprendizagem, hiperativas, com imaturidade neurológica e dificuldade emocional. É o que revelam psicopedagogos que utilizam os jogos de tabuleiro em consultórios.

Para eles, este recurso lúdico também se reflete em benefícios à aprendizagem escolar, principalmente na fase que vai da Educação Infantil ao último ano do Ensino Fundamental. “Os jogos de tabuleiro ajudam muito na aprendizagem, principalmente no raciocínio e na linguagem”, resume Márcia Bertoldi, pedagoga de Curitiba (PR), com mestrado em psicologia e especialização em psicopedagogia.

Orientações iniciais

O primeiro passo para o educador introduzir um jogo em

aprendizagem em que a criança tenha papel ativo”, ressalta.

O próximo passo é analisar se as regras são muito complexas para a idade das crianças às quais o jogo será apresentado e/ou se a forma como as regras estão apresentadas é a mais adequada. Dependendo da situação, a orientação é reescrevê-las de uma forma simples, ou até modificá-las, para que a criança possa entendê-las. Outra dica é o professor começar a ensinar o jogo com regras simplificadas e introduzir aos

exemplo, é indicado para crianças em fase de alfabetização. Com cartas que formam a palavra “pato”, a tarefa é formar novas palavras. “O jogo proporciona a consciência fonológica pela troca de um som por outro. O educador pode criar palavras mais complexas para crianças mais velhas, aumentando

assim a dificuldade do jogo”, explica. “Além disso, o professor pode fazer a brincadeira no próprio quadro negro, montando equipes em sala de aula”, completa.

Outra brincadeira que pode ser usada na escola é o *Jogo das varetas*, que inclusive pode ser montado pelos

poucos as outras regras. Todo esse cuidado é importante, já que, ao compreender as regras, a criança pratica a leitura e a interpretação de textos.

Exemplos

A psicopedagoga Márcia utiliza diversos jogos de tabuleiro em seu consultório. Embora o objetivo principal não seja a apresentação de conteúdo, cada jogo proporciona benefícios que podem se refletir na aprendizagem escolar. O *Jogo do pato*, por

próprios alunos, em uma atividade artesanal — basta utilizar palitinhos de churrasco pintados em diferentes cores.

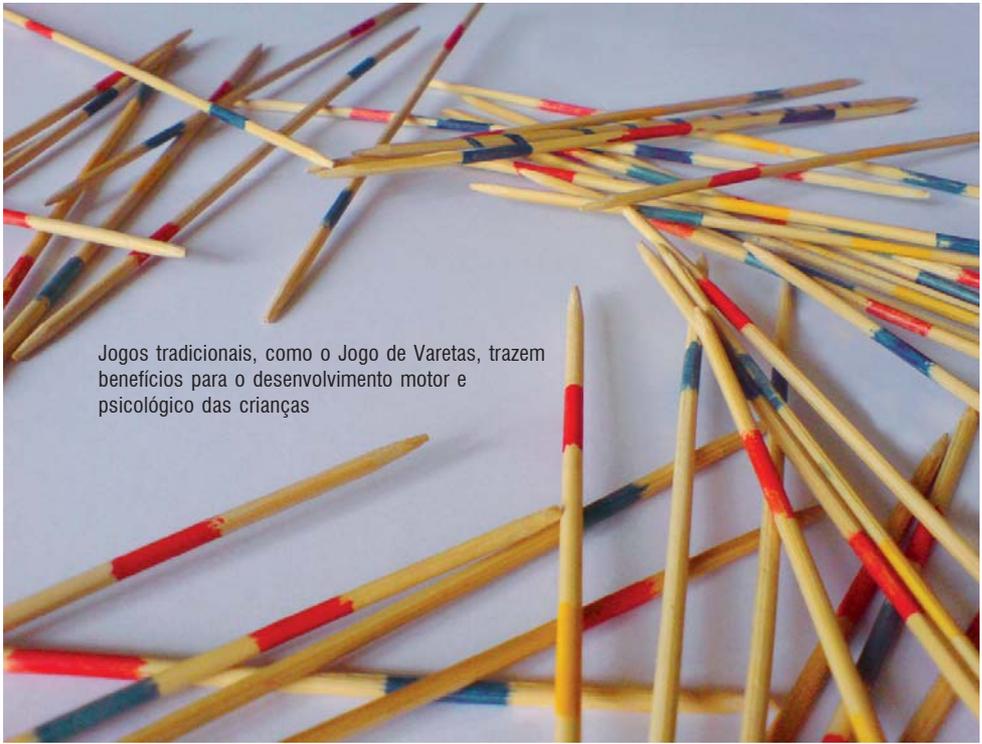
Esse jogo treina a atenção e a coordenação motora, fazendo com que a criança hiperativa controle sua impulsividade. Segundo Márcia, a partir dos 5 anos de idade, as crianças já podem começar



a praticar este jogo, mas as regras precisam ser mais simples. Ela orienta que, no início, apenas se contem as varetas, ganhando aquele que conseguir pegar mais varetas. Depois, pode-se ensinar a diferença de pontuação de uma para outra, que varia de acordo com a cor. “Pode-se criar, então, uma tabela de pontuação com dois eixos, uma forma de o aluno aprender a organizar as informações, além de somar e multiplicar”, sugere.

Já com o *Jogo da vida*, a criança e o jovem utilizam a matemática e precisam criar estratégias. “Eles passam a ter noção da consequência de suas escolhas, aprendendo que precisam acertar em suas decisões





Jogos tradicionais, como o Jogo de Varetas, trazem benefícios para o desenvolvimento motor e psicológico das crianças

e a lidar com a consequência dessas decisões. Esse jogo é interessante para adolescentes”, comenta Márcia.

Outros exemplos são o *Restaurum*, que trabalha com o planejamento da ação, o *Batalha naval*, em que a criança precisa localizar coordenadas, e o *Jogo da senha*, que desenvolve a

construção de hipóteses. “O *Batalha naval* prepara o raciocínio para o

aluno aprender o conteúdo escolar e o *Jogo da senha* faz com que a criança utilize o raciocínio hipotético-dedutivo”, comenta a psicopedagoga.

Aspectos psicológicos

Além do desenvolvimento do raciocínio e de habilidades motoras, os jogos de tabuleiro oferecem benefícios à socialização e ao autoconhecimento. Para a

criança e o jovem, a escola é o espaço de transição entre a família e o mundo e os jogos ajudam nessa integração. “Eles auxiliam as crianças que são alvos de chacota, agressões verbais e físicas, ajudando-as a se integrar ao grupo”, informa Márcia.

Com os jogos, a criança também percebe que tem habilidades para ganhar em determinado jogo, mas que pode perder em outros. Assim, ela aprende a tolerar suas frustrações. “O aluno que sabe lidar com as frustrações adquire maior estrutura emocional para sua aprendizagem na vida escolar. Ele saberá trabalhar melhor com o fato de precisar estudar mais tempo para uma prova, com a necessidade de aulas de reforço ou com a frustração de ter ficado de recuperação. Além disso, ele aprende que é preciso superar as dificuldades pelo esforço e não pela sorte”, analisa a especialista.

Mas os jogos de sorte também podem ser usados pelo professor. “Incluir um jogo em que a sorte é determinante é interessante, pois, neste caso, todas as crianças podem ganhar. E os que sempre ganham, por terem maior habilidade, têm a chance de perder”, explica Márcia.

Precaução com os pais

Os jogos de tabuleiro também representam uma forma de interação entre pais e filhos, mas os adultos precisam tomar alguns cuidados. O primeiro é agir com flexibilidade para deixar que a criança ganhe. “Deve-se dar chance para ela ganhar e até mudar as regras se necessário, mas é fundamental que ela vença com seu esforço. Deixar a criança ganhar sem mérito, não vale a pena”, explica a psicopedagoga.

Ela orienta sobre o que os pais devem dizer na hora da brincadeira. Dizer: “Preste atenção, não me deixe ganhar” é uma forma de estimular a criança a querer vencer; já palavras e frases negativas como “Não adianta, eu sempre ganho de você” e “Você nunca vai aprender” não devem ser ditas, pois criam o efeito inverso. “Quando os pais não sabem lidar com essas diferenças, às vezes, é melhor que as crianças joguem com irmãos ou vizinhos. Além disso, alguns pais não toleram ver seus filhos com dificuldades, não deixando que eles desenvolvam suas estratégias”, acrescenta Márcia.